

GEOGRAFIA E ESPAÇO

CONTRIBUIÇÃO CRÍTICO-FILOSÓFICA

(Epistemologia da Geografia II)

Geography and Space: critical-philosophical contribution

Geografía y Espacio: contribución crítico-filosófica

Marquessuel Dantas de Souza

Graduado em Geografia - Faculdade de São Paulo. São Paulo - SP

marquessuelgf@gmail.com

Resumo

O problema a ser discutido neste pequeno esboço, a fim de evidenciarmos o que consideramos importante para a Ciência Geográfica, é o “espaço”. Cujo mesmo se torna o nosso tema a ser pesquisado e que pretendemos desenvolver uma breve discussão crítica a respeito aproximando-se o mais possível da realidade contraditória e distorcida no qual nossa sociedade vive desde muito tempo. Além disso, se propõe um diálogo em torno de uma breve interpretação relacionada à questão da espacialidade e da temporalidade, conquanto, não são exatamente como alguns imaginam ser, ou seja, o espaço e o tempo não se constituem tão mecânicos como proclamam muitos. Não obstante, esses conceitos estão sendo mal interpretados.

Palavras Chave: Geografia; Espaço; Crítica.

Abstract

The problem to be discussed in this small sketch in order to highlight what we consider important for Geographic Science, is the "space". Which even becomes our topic being researched and we intend to develop a brief critical discussion of approaching as possible to the contradictory reality and distorted in which our society lives a long time. In addition, it is proposed a dialogue around a brief interpretation related to the question of spatiality and temporality, though, are not exactly as some imagine to be, that is, space and time are not as mechanical as many claim. However, these concepts are being interpreted are bad.

Keyword: Geography; Space; Critical.

Resumen

El problema que se discute en este pequeño boceto con el fin de evidenciarnos lo que consideramos importante para la ciencia geográfica, es el "espacio". Qué incluso se convierte en nuestro tema está investigando y tenemos la intención de desarrollar una breve discusión crítica de que se aproxime lo posible a la realidad contradictoria y distorsionada en la que nuestra sociedad vive mucho tiempo. Además, se propone un diálogo en torno a una breve interpretación en relación con la cuestión de la espacialidad y la temporalidad, sin embargo, no son exactamente como algunos imaginan ser, es decir, el espacio y el tiempo no son tan mecánico como muchos afirman. Sin embargo, están siendo interpretados estos conceptos son malos.

Palabras clave: Geografía; Espacio; La crítica.

INTRODUÇÃO

O trabalho que se apresenta discutir sob um viés crítico a noção de espaço. Principalmente na Geografia Humana. As críticas direcionadas à noção de espaço estão pautadas na leitura da própria realidade vivida e experienciada. Nossa pretensão é mostrar sucintamente o conceito crítico de ‘espaço’ - como instância máxima da existência temporal -, para logo após discutirmos uma parcela desse espaço, a saber, o “espaço geográfico”¹. Muito embora, seja um problema, por assim dizer, demasiado complexo a ser debatido. Desde já indicamos ao leitor que nos limitaremos nesta discussão à sua totalidade. Apenas um esboço sobre essa questão é o que se intenta.

Consideramos a Geografia como uma ciência interdisciplinar² que possibilita-nos compreender a nossa realidade. A Geografia - em nosso caso específico - não deve proceder em suas pesquisas isoladamente (sem a Filosofia, por exemplo), visto ser esta última muito importante para os estudos geográficos³. Do mesmo modo devemos sempre evidenciar os clássicos por serem fundamentais quando se quer tratar da investigação espacial especificamente⁴. Muito embora, muitos clássicos já não respondam adequadamente à contemporaneidade. Portanto, acreditamos que a Geografia é a Ciência que nos possibilita situar-Ser no mundo. Bem entendido, considerando as “experiências vividas” em certo lugar (espaço) onde vivem seres humanos, porém, sempre salientando a importância da cultura no qual cada um desses seres esteja inserido, torna-se relevante a noção de pertencimento por parte daqueles que vivem num dado lugar se identificando através de suas percepções experienciadas no espaço de existência. Assim, através da percepção como princípio

¹ O espaço geográfico aqui discutido “é um espaço percebido e sentido pelos homens em função tanto de seus sistemas de pensamentos como de suas necessidades” (DOLLFUS, 1982, p. 52). O espaço geográfico é a área que abrange as camadas inferiores da atmosfera e a superfície terrestre, somando o subsolo. Área onde se dá “as relações desse espaço com as sociedades” (ISNARD, 1982, p. 09). Conquanto, o entendemos confuso.

² Pois se relaciona com a História, com a Sociologia, com a Economia, com a Antropologia, com a Filosofia, com a Psicologia entre outras. Com efeito, não podemos esquecer de que Estrabão nos chama atenção para o fato da Geografia ser uma verdadeira filosofia. Estrabão nos coloca o seguinte na introdução de sua obra: “*la geografía como actividad filosófica*. – Si alguna actividade hay que sea propia del filósofo, precisamente lo es la geografía, disciplina que hemos elegido ahora para estudio” (ESTRABÓN, I, 1991, p. 207).

³ Em nosso entendimento, “romper o isolamento do geógrafo” (MORAES, 2007, p. 126) no seio da própria Geografia é uma meta deste trabalho. Este (geógrafo) não deve deixar de ser Geógrafo simplesmente por fazer uso da Filosofia. Fazer Geografia, porém, utilizando-se de outras ciências para não ficar isolado como geógrafo, posto ser a Geografia uma ciência interdisciplinar.

⁴ Neste caso particular não podemos esquecer-nos das contribuições de Ratzel, Hartshorne, Max Sorre, Durkheim e muitos outros. Sorre e Durkheim foram nomeados aqui principalmente por serem citadas várias vezes nas duas principais obras de Milton Santos *Por uma Geografia Nova e A Natureza do Espaço*, respectivamente. Assim como La Blache e Brunhes, que são citados em diversas ocasiões nas obras de Ruy Moreira *Pensar e Ser em Geografia e Geografia e Práxis*, cujas mesmas se constituem amplos paradigmas filosóficos na geografia.

norteador do conhecimento, o ser humano desenvolve suas aptidões e habilidades para com o meio em que vive. É por meio da percepção que o homem passa a ter conhecimento dos fenômenos que aparecem diante de si.

Para que possamos compreender tal discussão é necessário nos envolver com a mesma cujo esforço deixe-nos comprometido para sua realização. Pois “onde há discussão há vida, onde há debate aflora o pensamento crítico, onde há polêmica há espaço para o novo, para a criação” (MORAES, 2007, p. 131). Do mesmo modo, “o homem faz aprendendo e aprende fazendo” (SILVA, 1982, p. 20). Com efeito, isto nos torna inquietos diante da questão sobre o espaço e o tempo que envolve a Geografia Científica. Pois, conforme Elisée Reclus “la Géographie n’est autre chose que l’Histoire dans l’espace, de même que l’Histoire est la Géographie dans Le temps” (RECLUS, 1905, p. 04)⁵. Ou, segundo Schopenhauer: “la HISTORIA [...] es para el tiempo lo que la geografía para el espacio” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 935). Todavia, o que vemos é algo diferente disso. Dito de outra forma: distorcem o discurso da realidade para assim manipularem a mesma. Não valorizam realmente nem a Geografia nem a História como conhecimentos essenciais para com o real. Simplesmente promovem ideologias fanáticas mascarando e ocultando a própria realidade. E esta ignorância epistemológica, em nosso caso em especial, está com o geógrafo que resiste em discutir o que é o Espaço em si e, não obstante se rende tão facilmente as ideologias hegemônicas e outras coisas mais. Desde já dizemos que a Geografia não é apenas uma arma para guerra nem um instrumento para revelar máscaras sócias. Entre uma e outra situação, a Geografia se confunde com seus discursos.

Devemos assim entendido, sempre buscar e trazer à luz as obscuridades das coisas que nos permeiam. O oculto deve se tornar culto e não o contrário. Portanto, nas linhas seguintes iremos discorrer sobre uma crítica à noção de espaço na Geografia Humana, especificamente àquela Geografia hegemônica e monopolizada pelas elites acadêmicas. Uma crítica esta do ponto de vista cultural, por sua vez anunciando um novo olhar para com a própria realidade existencial do *ser-aí* do ente concreto no mundo (no sentido heideggeriano). Uma crítica desafiadora para, possivelmente, um novo paradigma na Geografia.

CRÍTICA SOBRE A ESPACIALIDADE NA GEOGRAFIA CRÍTICA: AS MÁSCARAS

⁵ - A Geografia não é outra coisa que a História no espaço, o mesmo que a História é a Geografia no tempo (tradução nossa).

Criticamente devemos afirmar: da mesma maneira que as máscaras sociais agem sem cessar ampliando-se cada vez mais, os profissionais geógrafos através de políticas centralizadoras e dogmáticas (podemos inferir esses profissionais de “geógrafos alienados”, por assim dizer), em suas ações como realmente merecem ser chamados (Geógrafos), distorcem a realidade para assim se apropriarem daquilo que melhor lhe convém. Deste modo, estamos nos distanciando do nosso compromisso para com o real da nossa sociedade e nos encaminhando para a ação amadora, algo repugnante para a Geografia brasileira profissional, bem como para a Geografia Científica Mundial. Neste contexto temos o contrário do que nos propõe Ruy Moreira quando o mesmo chama atenção dizendo-nos que a Geografia serve para desvendar máscaras sociais⁶. Certamente o que estamos presenciando não é exatamente o que nos coloca Ruy Moreira. Mas sim o oposto. Ou seja, a Geografia está sendo usada - no sentido mais vulgar do termo - para manipular, distorcer, obscurecer, manobrar e mascarar a realidade social. Promovendo assim desigualdades e conflitos acentuados dentro e fora das academias, e como um todo, na sociedade. Atingindo negativamente, deste modo, aqueles menos favorecidos socialmente.

Em realidade, principalmente na Geografia Humana, ambos os conceitos (espaço e tempo) são de fundamental importância para a própria ciência, muito embora a clareza sobre o seu significado e o seu uso não se evidencie de maneira adequada. Em outras palavras, a Geografia como ciência humana (interdisciplinar)⁷, acaba se equivocando quando de seu método para a análise do real (espacial). Entrementes, a mesma acaba penetrando num dogma alienante e seu fim está sendo reproduzir paixões.

A falta de reflexão filosófica na geografia, por exemplo, está levando-a para a “irracionalidade tautológica” (ALFREDO, 2009, p. 09). Destarte, como bem lembrou Sposito, o prof. Armando Correa da Silva “tinha opinião formada sobre a falta de reflexão filosófica por parte dos geógrafos e se preocupou com a ideia de crise no pensamento geográfico para encaminhar seu pensamento e seus ensinamentos” (SPOSITO, 2008, p. 158). Assim sendo, pode-se inferir que a Geografia Humana necessita de muita reflexão filosófica se quer atingir

⁶ A Geografia serve para desvendar máscaras sociais. In: MOREIRA, Ruy (Org.). **Geografia: teoria e crítica**. O saber posto em questão. Petrópolis: Vozes, 1982. 236p. A Geografia serve para desvendar máscaras sociais. In: MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 2ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. 190p.

⁷ Em sua obra *Por uma Geografia Nova*, Milton Santos enfatiza o fato do isolamento da geografia quando não se considera a interdisciplinaridade.

uma suposta ontologia do espaço⁸ (se é que existe). Muito embora não deixe de caracterizar seu próprio método e seu objeto de estudo para com o real. Para tanto, vejamos o que nos diz Milton Santos quando o mesmo faz referência à discussão sobre o espaço como objeto de estudo da geografia: “resumindo, um pouco em toda parte, os geógrafos silenciam sobre o espaço. Algumas vezes também silenciam sobre o trabalho inovador de outros geógrafos...” (SANTOS, 2008, p. 118). Por isso este mesmo autor nos diz que a Geografia se tornou viúva do espaço: “a geografia acabou dando costas ao seu objeto e terminou sendo uma viúva do espaço” (SANTOS, 2008, p. 118). Além disso, conforme Silva “o que aconteceu com o espaço do geógrafo?” (SILVA, 1988, p. 02).

Com efeito, gostaríamos de acrescentar que na geografia humana brasileira a falta de reflexão filosófica é um problema que precisa ser superado urgentemente para assim evitar prematuramente equívocos demasiados sobre a questão espacial. Isto é, a discussão epistemológica e ontológica na geografia torna-se necessário. Só assim evitaremos interpretações superficiais e simplistas. Do mesmo modo, devemos nos direcionar criticamente sobre o modo de se pensar a Geografia como a Ciência do Espaço, porém, sem manipulação e sem ideologias fanáticas e alienantes, quer dizer, devemos estudar a Geografia como conhecimento nobre do ponto de vista cultural. Pois, quando nos direcionamos para a investigação referente ao espaço como objeto de estudo primeiro da geografia, devemos considerar esse espaço algo além da superfície da terra onde há possibilidades de vida. Isto, em virtude da climatologia e da geomorfologia (relevo) que possibilita vida em alguns lugares existentes no mundo (regiões ecúmenas). Não podemos esquecer que o espaço de que a Geografia se utiliza está contido no Espaço em si. Portanto, a espacialidade da Geografia é nebulosa. Não há uma clareza exata.

Decerto, acreditamos que a Geografia brasileira está passando por um novo momento como Ciência, todavia, não os fazem perceberem, ou melhor, os profissionais que a promovem não querem reconhecer isto em evidência. Muitos dizem não acreditar nisso. Entrementes, isto nos faz enxergar a realidade com outro olhar – desconfiando (outro ponto de vista – outra visão de mundo). Eis por que nos envolvemos, por assim dizer, nesta discussão Geográfico-filosófica.

⁸ A Geografia Humana tem carência de reflexão filosófica profunda. - Muito embora tenhamos citado, de contra gosto, uma suposta ontologia do espaço, acreditamos que o espaço não é um ser ontologicamente, portanto, a ideia de ontologia espacial não nos convém. Neste ponto discordamos da ideia de Espaço como Ser, elucidado por Amando Corrêa da Silva em sua obra *De quem é o pedaço?*

Por conseguinte, salientemos então que desde meados da década de 1970 quando os geógrafos Armando Correa da Silva e Milton Santos passaram a enfatizar ou a considerar a filosofia nas discussões geográficas, a própria Geografia no Brasil mudou. Esta mudança de perspectiva resultou no triunfo de uma nova geografia, cuja mesma na Europa já estava acontecendo. Dizíamos que isto resultou numa nova geografia mundial chamada de Geografia Crítica. Por conseguinte, essa Geografia ainda hoje sente muitas dificuldades em suas análises. Por isso a nossa atenção para um olhar cuidadoso e desafiador sobre a Geografia Crítica, especialmente, a Geografia brasileira.

CRÍTICA A CRÍTICA DA GEOGRAFIA CRÍTICA: O ESPAÇO EM QUESTÃO

Pois bem, de modo direto pretendemos neste ponto exato - como um todo - direcionar uma crítica a crítica da Geografia Crítica. De início, o triunfo desta geografia evidenciou-se a partir dos anos de 1970, como dito anteriormente. Portanto, eis neste particular, uma tentativa em mostrar desafiadoramente que não devemos aceitar mais alguns discursos vagos que vem acontecendo desde há muito. Queremos algo novo e esse novo é tão somente dizer que o mundo avançou tecnologicamente e culturalmente, mas ainda assim se ouve muitos discursos que valorizam apenas a técnica⁹ e que esquece seu fundamento comum: a *cultura*. Em outras palavras, a realidade vivida e experienciada estão cada vez mais sendo ignoradas pela própria Geografia. A técnica avança, mas o homem não percebe que ele mesmo também progride em conhecimentos. Por isso deve-se considerar a cultura como instância máxima de qualquer povo. Inovemos.

A Geografia hoje não está preocupada em produzir, apenas reproduz àquilo que já fora produzido em épocas outras (muito embora estejamos considerando que a Geografia deva produzir e inovar, por sua vez, a mesma jamais deve esquecer os clássicos, porém, deve superá-los, algo já defendido anteriormente). A Geografia deve se conservar, contudo, deve ser vanguardista, mas inteligentemente e de maneira interessante dando respostas satisfatórias

⁹ Neste caso específico direcionamos uma crítica à geografia de Milton Santos, muito embora sabendo da influência que este estava vivendo na época em que elaborou suas teorias cujo mesmo se tornou prisioneiro da ideia do sistema técnico-científico-informacional. Noutros termos, para este autor a existência se reduz tão-somente às técnicas-científicas-informacionais. Por conseguinte, não é apenas isto que constitui a realidade. A mesma vai além dessa preocupação enfatizada por ele. Não devemos valorizar simplesmente a técnica, há algo a mais nesta perspectiva se assim desejarmos elevar o “espaço geográfico” como o espaço do ser-do-homem. Este algo é exatamente a *cultura*. Dito de outra maneira, este algo é “toda construção material e imaterial de um grupo humano” (BALDRAIA, citado por SOUZA, 2012, p. 97), chamada CULTURA. Uma vez mais: a vida não se reduz apenas às técnicas. A vida é muito complexa para se reduzir às técnicas.

e não fingindo entender o mundo. – Criticamente isto quer dizer que a própria Geografia se mostra estagnada, prisioneira/encarcerada como ciência humana e não avança. Isto, no sentido de vomitar/regurgitar discursos alheios sem fundamentos. Deste modo, estamos caminhando, por assim dizer, para o fracasso, o retrocesso da Ciência Geográfica. Eis um dos motivos da crise¹⁰. Em outras palavras, a Geografia atualmente está demasiada abusando de sua irracionalidade tautológica e ideológica. No entanto, acreditamos que para fazer a Geografia avançar cientificamente é necessário fazermos uma crítica fundamentada fora do romantismo científico. Não podemos aceitar discursos romanescos na Geografia Científica. A Geografia está sendo usada como manobra política. E esta situação é inaceitável de nossa parte.

Nós, geógrafos, temos que pensar essas mudanças, esses avanços - veemente falando - de maneira crítica a fim de mostrar o potencial da Geografia (negativa ou positivamente), bem como evitar que se acentuem cada vez mais as desigualdades e as injustiças sociais que assolam nossa sociedade e o mundo. Devemos nos preocupar primeiramente com as questões que nos atingem diretamente e não com coisas outras que estão distantes, em segundo plano; algo gritante e revelador do e no discurso geográfico brasileiro. Quer dizer, muitos geógrafos se sentem submissos culturalmente e enxergam nossa realidade como algo inferior. Pensam que o bom/melhor é sempre o que importado. Eis uma das razões, para muitos, de se estudar o exterior (materiais estrangeiros e inúmeros outras coisas). De tanto ouvirem dizer que nosso país é de terceiro mundo acabam corrompendo a cultura do Brasil com importações. Assim, expressam que bom é o espaço de lá; aqui é apenas colônia dos países hegemônicos. De certo modo isso não deixa de ser uma verdade, mas devemos mudar esta concepção vergonhosa. Ora, não podemos aceitar essas desconexões. Não podemos perder de vista a filtragem por fazer.

Devemos intentar por interpretar, num primeiro momento, a realidade conforme nossas necessidades e possibilidades e não sentindo o pesar de outros. Temos a necessidade de agir, mas sem máscaras, sem maquiagens, sem agressões e sem ofensas a população carente e desfavorecida, é evidente. Mas temos de olhar para a nossa própria realidade sem ter que usar óculos emprestados de outros, ou seja, devemos enxergar a condição de nossa sociedade/cultura sem ter que usar objetos intermediando nossas ações. Temos o dever de olharmos com uma visão própria e não usando a lente ocular advindo de outros. Devemos

¹⁰ Acreditamos que o momento novo que a Geografia brasileira está vivendo e no qual estamos chamando atenção é uma crise epistemológica e ontológica sobre a questão da investigação espacial.

olhar para a realidade interior. Embora sabendo que lá fora as coisas acontecem. Reconhecer tais coisas é fundamental, bem como reconhecer seus limites.

O Problema que se coloca é que o espaço e o tempo como supostos *entes* existenciais não devem ser tratados e/ou investigados de forma superficial ou simplista, pois ambos os conceitos são demasiados complexos para serem reduzidos a meras palavras sem sentido nos diálogos dos profissionais que as utilizam (principalmente geógrafos). Estes simplesmente as usam como parte de sua oratória, porém, sem sentido algum. Em outras palavras, não podemos e não devemos domesticar nem o tempo e nem o espaço em sua essência¹¹. Não obstante, alguns profissionais negam essa discussão.

Como bem proclamou Milton Santos, parafraseando-o, o espaço é simplesmente uma construção social, algo construído pelo homem. Ora, a partir de então já encontramos uma evidência para nossa problemática, a saber: que embora Milton Santos tenha clareza de seus estudos científicos e mereça ser reconhecido por seus méritos, o mesmo, grosso modo, comete um equívoco demasiado ao expor a ideia de espaço como uma “realidade social”. Milton Santos não estabelece uma nítida diferença entre Espaço (em si) e espaço geográfico. Por vezes saibamos que espaço no qual Milton esteja se referindo é o espaço geográfico. Mas tal autor não deixa isso bem explícito; ora nos parece que fala de um, ora que fala outro. Assim, estabelece uma nítida confusão quando de sua discussão.

– O espaço como queria Kant era apenas uma construção humana através de sua capacidade intelectual, ou seja, o homem é o criador do espaço. Em outras palavras, o próprio homem cria o espaço simplesmente por sua capacidade da faculdade do juízo. Do mesmo modo, Milton Santos direciona seu pensamento para a discussão relacionada ao espaço. Entrementes, nossa defesa é de que a abordagem relacionada ao espaço não se reduz apenas ao social, envolve outras instâncias cuja investigação ultrapassa a dimensão do ser social existencial. Posto que, independentemente da sociedade a existência já esteja aí e requer de nós uma interpretação adequada para com a mesma conforme nossa capacidade cognoscente. Portanto, refutamos a ideia miltoniana e corroboramos de forma provocativa de que *o espaço não é social*, mas sim uma potencialidade natural. O homem não faz o espaço, simplesmente e

¹¹ Se se considerarmos que tanto o tempo quanto o espaço podem ser domesticados, isto pode ser observado apenas em aparência, não em essência. Isto é, talvez possamos domesticar o tempo através do relógio, já o espaço, passamos a domesticar através das construções materiais como, por exemplo, a urbanização, uma estrada asfaltada, uma estrada de ferro, um edifício e etc. Porém, devemos lembrar que esta domesticação do espaço e do tempo é aparente, ilusório.

tão somente quando o homem surge ou emerge o espaço já esteja aí como existência concreta e que o sustenta irresistivelmente. Com efeito, defendemos a tese de que Milton Santos cometeu equívoco para com a interpretação do espaço. Por outras palavras, devemos salientar que o Espaço Como Ser, assim como A Natureza do Espaço (proposições elaboradas por Armando e Milton) - em nossa defesa - não se aplica. Porque isto? Bem entendido, Espaço é algo diferente de Ser; Natureza é diferente de Espaço. Neste contexto, para o Espaço ter uma Natureza ele precisa Ser. E para Ser, o mesmo necessita de vida (algo orgânico). Ideia esta que não aceitamos. Assim, perguntemos: como acreditar numa Natureza do Espaço e num Espaço Como Ser se em realidade há uma confusão entre uma coisa e outra? Tais ideias surgiram a partir da década de 1970 no âmbito da Geografia Crítica, mas faltou-lhes sistematização, e hoje, ainda há pesquisas legais legitimando uma ontologização do Espaço. Que ingenuidade.

CRÍTICA CRÍTICA: O ESPAÇO DESFALECIDO E SUA AGONIA

Como geógrafos estamos habituados a ouvir e a ler a todo instante alguns conceitos que acabam penetrando no intelecto humano de tal modo que se tornam irritantes e terminam como verdades absolutas, muito embora a sociedade em geral não os perceba. Pois somos bombardeados pela mídia que não nos deixa pensar com sabedoria e satisfação, apenas nos sufocam com aberrações e fetiches de todos os mais variados tipos. Esses conceitos cujos mesmos são aceitos equivocadamente pela massa populacional, pois entram de súbito para nunca mais deixarem sua soberania e passam a serem valorizados devido aos bombardeamentos da mídia, e assim chegam à sua trajetória final sendo distorcidos inexoravelmente, e os profissionais que ajudam ou promovem essas distorções são os mesmos que os constroem e os consomem. Portanto, devemos evocá-los. Contudo, direcionando uma crítica não habitual. É interessante observarmos que tais conceitos atingem diretamente o processo educacional.

Com efeito, esses conceitos são: *produção do espaço, reprodução do espaço e organização do espaço*. – Conforme a linha de pensamento aqui adotada (crítica filosófica), inferimos e defendemos rigorosamente não haver possibilidades nenhuma para tais promoções conceituais citados anteriormente. Trata-se que, estudando tais conceitos criticamente (teórica e empiricamente), e não com consciência ingênua, assim consideramos, verifica-se que a Geografia trabalha com contradições, dicotomias e antagonismos gritantes,

todavia, não percebe as ambiguidades que as envolve, os paradoxos que os permeiam. Neste sentido, podemos dizer, com uma consciência crítica, que *não se produz espaço*, pois o espaço aí já está perfeitamente constituído em harmonia na existência¹². Decerto, compartilhamos com Escolar (1996) de que “produzir espaço, conseqüentemente, é impossível” (ESCOLAR, 1996, p. 17). O mesmo acontece com o tempo. Produzir espaço é ilusório, utópico, idílico. Do mesmo modo *não se reproduz espaço e não se organiza espaço* ao passo que este já é e está efetivamente organizado naturalmente. Ou seja, o Espaço é a existência espaço-temporal, a existência em si inexoravelmente. Promover a produção, a reprodução e a organização do espaço e devaneio, em suma, é loucura. Mas os geógrafos conseguem tudo isso, porém, do nosso ponto de vista, sem sentido algum.

“Raras vezes os geógrafos estudam o espaço em si” (SILVA, 1986, p. 105). Os mesmos não sabem o que é o Espaço. Contudo, mesmo não sabendo o que é o Espaço já proclamam o “espaço geográfico”. Antes de configurar o espaço geográfico é necessário, primeiramente, saber o significado do que é o Espaço; o mesmo com o Tempo. Nesta acepção, dois estudos introdutórios e bastante interessantes sobre o tema merecem nossa atenção: *A Geografia e o Estudo do Espaço e do Tempo: a contribuição de outras ciências (uma nota crítica)* e *O Espaço Fora do Lugar: uma suposta filosofia do espaço e do lugar*, ambos de autoria de Souza, publicados em 2015 (ver referências). Escritos estes no qual o autor trata da questão do espaço. O primeiro estudo adverte para a relação da investigação espacial nas Ciências abrangendo Filosofia, Física, Geografia, Psicologia, História e Sociologia. O segundo é uma hipótese sobre uma filosofia do espaço.

Como se pode observar, o presente esboço crítico para com a realidade da ciência geográfica brasileira é uma inquietação de nossa parte, isto, em virtude de ter que repassar ou transmitir esses discursos melancólicos que parecem mais retóricas (produção, reprodução e organização do espaço); ao passo que poderíamos produzir conhecimentos significativos para contribuir com o progresso de nossa ciência e de nossa educação. Em suma, de nossa Cultura. Para tanto, é necessário promover novos debates, novas discussões e abrir espaços para novos conhecimentos, no entanto, sempre respeitando o próximo independentemente de seus hábitos e de seus costumes. Mas não, simplesmente estamos vivenciando irracionalidades tautológicas na Geografia. Com isso, o processo educacional está perdendo

¹² Veremos isto, com mais detalhes, um pouco mais adiante quando nos auxiliarmos com as interpretações de Merleau-Ponty.

significativamente. – Neste momento inferimos que na própria Geografia a noção de alteridade não está sendo estudada ou não está sendo considerada como se deve. Com efeito, a noção de alteridade necessita ser evocada com todo esforço possível e urgentemente nas investigações do cunho geográfico.

Em todo caso, a problemática que nos envolve permeia todos os campos do saber desde muito tempo na história do homem, por isso somos levados há pensar um pouco mais a respeito do que é o Espaço (principalmente) e do que é o Tempo. Só assim acreditamos chegar mais próximo da essência de tais conceitos tão importantes nas ciências humanas, em espacial na Geografia e na Filosofia. Por isso é necessário evidenciar uma corrente filosófica para tal encaminhamento, e a Fenomenologia é um dos meios em que consideramos adequados para seguirmos confiante em nossa permanente caminhada. Antes, devemos notar que o leitor se aperceba que desde o início desta pesquisa a fenomenologia nos acompanha.

A Fenomenologia como método de investigação nos possibilita compreender de maneira outra a realidade do mundo¹³. Maneira outra no sentido da crítica dos juízos de valores. De todo modo, as ideias de espaço vivido, de pertencimento, de afetividade com um lugar e de experiências vividas nos ajudarão na compreensão de nosso cotidiano como seres existenciais. Por conseguinte, sem jamais ignorar os outros métodos científicos. Simplesmente atenciamos para este pelo fato do mesmo nos responder mais adequadamente frente aos outros sobre nossa realidade. Apesar disso, vivemos sobre a ideologia imperiosa, por assim dizer, de todos os métodos. Cada qual lutando por sua hegemonia dentro da sociedade humana. Todavia, o propósito aqui é manter-se neutro sobre qualquer “ideologia política” ou escolas geográficas. Apesar de adotarmos a fenomenologia. Entrementes, apenas estamos direcionando nosso olhar para a realidade existencial concreta em sua essência (por meio de uma crítica).

O ESPAÇO CONFRONTADO: METAFÍSICA CONCRETA

¹³ Pois “a perspectiva fenomenológica enriquece a Geografia” (SILVA, 1986, p. 56). Outrossim, “a tendência recente em Geografia, dos estudos fenomenológicos, procura apreender o significado do lugar, por exemplo, para os seres humanos. Isto é, o lugar não é apenas algo que objetivamente se dá, mas algo que é construído pelo sujeito no decorrer de sua experiência” (SILVA, 1986, p. 55). Para uma melhor compreensão sobre esta última passagem consultar o texto de Souza (2015) já referido *O Espaço Fora do Lugar: uma suposta filosofia do espaço e do lugar*.

Utilizando-se da fenomenologia, nesta parte do texto, observaremos de forma sucinta, a noção de espaço em Merleau-Ponty. – O corpo e o espaço se implicam mutuamente e, para tanto, “a noção de espaço é uma tensão, é uma experiência carnal prolongada pelo nosso pensamento para além dos seus próprios limites” (MERLEAU-PONTY, 2006b, p. 42). Para Merleau-Ponty, conforme a ciência clássica “o espaço é o meio homogêneo onde as coisas estão distribuídas segundo três dimensões e onde elas conservam sua identidade, a despeito das mudanças de lugar” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 10). O espaço neste sentido torna-se um todo sem dimensão *à priori* e para o qual “torna-se impossível distinguir rigorosamente o espaço das coisas no espaço, a ideia pura do espaço do espetáculo concreto que nossos sentidos nos oferecem” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 11). Um espaço sem curvatura na estrutura da existência. Consubstancialmente, como não podemos distinguir o espaço das coisas no espaço, este, em sua essência singular torna-se para nós - seres humanos - um complexo que se mescla com toda sua moldura com a paisagem, com o meio, com a natureza, com o território entre outros. Entretanto, chegamos num ponto no qual Merleau-Ponty faz uma breve referência da percepção do espaço dizendo-nos: “o espaço perceptivo é polimorfo” (MERLEAU-PONTY, 2006b, p. 170). “Em outros termos, o espaço perceptivo é apreendido sob diversas formas” (SOUZA, 2012, p. 106). Por isso, Merleau-Ponty nos fala dos três espaços, a saber: espaço especializado, espaço espacializante e a experiência do espaço ou o espaço de experiência.

Como é possível observar, o filósofo francês indica-nos que “o espaço não é o meio (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível” (MERLEAU-PONTY, 2006a, p. 328)¹⁴. Portanto,

De acordo com Merleau-Ponty, o espaço não é um sustentáculo dos objetos ambientais, sejam eles reais ou lógicos. De um lado, torna-se o meio que possibilita a posição destes objetos [...] De outro lado, tudo se reporta as inter-relações orgânicas do ser que pensa o seu espaço, caracterizando o poder do sujeito sobre a natureza (PEREIRA *et al.*, 2010, p. 176).

Isto se evidencia através do próprio conhecimento humano. Por sua vez, devemos nos lembrar de que todo o poder do homem sobre a natureza ainda assim o impossibilita de

¹⁴ No original francês de 1945: “L’espace n’est pas le milieu (réel ou logique) dans lequel se disposent les choses, mais le moyen par lequel la position des choses devient possible” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 281).

produzir, reproduzir e organizar o espaço verdadeiramente. Uma vez que isto é algo que está fora do seu alcance. O que o homem evidentemente pode organizar são as coisas no espaço e não o espaço em si. Neste momento há a oportunidade para dizer que podemos sim, traçar linhas e pontos no espaço, mas não produzi-lo, reproduzi-lo ou organizá-lo. Neste sentido convém explicitar o que se segue: querer produzir, reproduzir e organizar o espaço é o mesmo que “tentar pular a própria sombra, ou erguer-se pelos próprios cabelos” (EAGLETON, 1999, p. 08). Do mesmo modo podemos dizer que desejar produzir, reproduzir ou organizar o espaço é como procurar a sombra do vento, dizer que se têm saudades do futuro, dizer que o espaço está fora do lugar e perguntar qual o espaço do lugar. Querer secar/esvaziar o oceano, fazer o espaço sumir. Assim sendo, podemos inferir que certamente a Geografia está profundamente envolto em crise, pois seu discurso parece mais metáfora demasiada do que Ciência. Uma espécie de caricatura de ciência (ou ciência caricaturada). – Além das frases expostas acima, podemos ainda pronunciar outras. Ou seja, dissemos que produzir reproduzir e/ou organizar o espaço está fora de cogitação no que se refere a nossa análise crítico-geográfico-filosófica. Portanto, toda essa grave ilusão (ideológica) acerca de querer manipular o espaço é algo como desejar molhar a água, enxugar o gelo, queimar o fogo, desejar tocar o céu simplesmente jogando uma pedra para o alto, entrar em um rio e não se molhar. Algo absurdo do ponto de vista existencial.

Neste momento, o agora (o presente) se torna relevante face à noção de espaço no qual está sendo discutindo. Vejamos como esse agora (presente) aparece diante de nós conforme o seu invólucro perseguido por Merleau-Ponty. Para este, “o presente (no sentido amplo, com seus horizontes de passado e de porvir originários) [...] é a zona em que o ser e a consciência coincidem” (MERLEAU-PONTY, 2006a, p. 569). Não obstante,

Só existe tempo para mim porque estou situado nele, quer dizer, porque me descubro já envolvido nele, porque todo ser não me é dado em pessoa, e enfim porque um setor do ser me é tão próximo, que ele nem mesmo se expõe diante de mim e não posso vê-lo, assim como não posso ver meu rosto (MERLEAU-PONTY, 2006a, p. 568).

Se de fato só existe tempo para mim porque estou situado nele, bem como me descubro já envolvido nele, o mesmo pode-se dizer do espaço. Pois, por conseguinte, “não estou no tempo e no espaço, não penso o espaço e o tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica a eles e os abarca” (MERLEAU-PONTY, 2006a, p. 195). Em outros termos, “eu

pertenço a eles, meu corpo combina com eles e os inclui” (MERLEAU-PONTY, citado por RELPH, 1979, p. 08). Em todo caso, “cada um de nós está, de fato, esticado e estendido no espaço” (RELPH, 1979, p. 08). Certamente, “estamos imersos e prolongados no espaço através de nossas ações e percepções” (RELPH, 1979, p. 12).

Seguindo, o próprio Merleau-Ponty nos direciona para uma abordagem do espaço onde há um confronto entre nós mesmos com o espaço como sendo já constituído. Algo, cujo mesmo o homem não possui capacidade para mudar ou transformar em outro algo qualquer (como muitos geógrafos sustentam).

O espaço está assentado em nossa faticidade. Ele não é nem um objeto nem um ato de ligação do sujeito, não se pode nem observá-lo, já que ele está suposto em toda observação, nem vê-lo sai de uma operação constituinte, já que lhe é essencial ser já constituído, e é assim que magicamente ele pode dar à paisagem as suas determinações espaciais, sem nunca aparecer ele mesmo (MERLEAU-PONTY, 2006a, p. 342-343).

O espaço percebido às vezes nos aparece de forma confuso, “como algo a ser conhecido, podendo ser uma unidade de valor” (PEREIRA *et al.*, 2010, p. 177). Pois que, “perceber, além de significar é dar valor” (DUARTE; MATIAS, 2005, p. 194). Nessa perspectiva a escala aparece como instrumento fundamental para entendermos essa unidade de valor do espaço percebido. “Assim, para o filósofo¹⁵, a escala é uma noção que supõe projetividade¹⁶, ou seja, um conjunto de configurações, uma sendo projeção da outra, mas que conservam suas relações harmônicas” (CASTRO, 2008, p. 132). Deveras, conforme Castro (2008),

Como já foi indicada acima na referencia a Merleau-Ponty, a escala é uma projeção do real, mas a realidade continua sendo sua base de constituição, continua nela. Como o real só pode ser apreendido por representação e por fragmentação, a escala constitui uma prática, embora intuitiva e não refletida, de observação e elaboração do mundo (CASTRO, 2008, p. 133).

¹⁵ Se referindo à Merleau-Ponty.

¹⁶ “Escala: [...] noção projetiva” (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 208).

Igualmente, “na representação do espaço a escala nos remete a percepção, a configuração, a projeção e o significado do que é visível e invisível nas relações espaciais” (PEREIRA *et al.*, 2010, p. 177). Não obstante, para Merleau-Ponty o real é inesgotável e “o mundo ainda é o lugar vago de todas as experiências” (MERLEAU-PONTY, 2006a, p. 459). Sabiamente, para o mesmo autor “o exterior e o interior são inseparáveis” (MERLEAU-PONTY, 2006a, p. 546). Assim sendo, a objetividade e a subjetividade se fazem valer no tempo e no espaço. E, por exemplo, “se sinto dor ou fadiga em um momento dado, elas não vem do exterior, elas sempre tem um sentido, elas exprimem minha atitude em relação ao mundo” (MERLEAU-PONTY, 2006a, p. 590). Neste ponto podemos dizer que essas atitudes são uma maneira de o mundo nos chamar atenção. Por conseguinte, este mundo é tido como uma dimensão da existência para com o ser.

Buscando compreender a noção de espaço por um viés filosófico, por assim dizer, porém, trazendo para o discurso geográfico, utilizamo-nos do exemplo elucidado por Élvio Rodrigues Martins no qual este nos diz que “a existência é uma dimensão do estar-aí do ser” (MARTINS, 2007, p. 35), e, não obstante, o espaço “é propriedade fundamental de tudo que existe” (MARTINS, 2007, p. 35).

Diante o exposto, para reforçar ainda mais nossa argumentação frente a esta discussão esdrúxula, utilizamo-nos ainda de outro exemplo deste mesmo autor quando este nos propõe que “retomar os propósitos da filosofia no ambiente da ciência é colocar esta última em discussão”¹⁷ (MARTINS, 2007, p. 35). Para tanto, como observou o supracitado autor “não existe, propriamente, concepções erradas de espaço ou de tempo” (MARTINS, 2007, p. 37). Estes são atributos cognitivos de nossa experiência para com o mundo. Deste modo, este pequeno esboço - no qual o tema central é uma discussão crítica sobre a noção de espaço, especificamente - não está salvo de verdades, como também não está salvo de erros. Apenas se configura como um debate dialético crítico acerca do mesmo. Muito embora defendamos a ideia de ser impossível produzir, reproduzir e organizar o espaço.

O “tempo e espaço reúnem toda a experiência humana” (CORRÊA, 1982, p. 34). Tudo existe no espaço e no tempo. Por isso somos exigidos a tratar sobre tais conceitos (em nosso caso específico, o espaço). No entanto, não de maneira superficial ou ideologicamente

¹⁷ No nosso caso, a Ciência Geográfica.

buscando manipular o real. Mas investigando de modo que melhor nos explique a complexidade do que são as dimensões gêmeas - espaço e tempo - existências.

Enfim, feito uma breve discussão a respeito da noção de espaço em Merleau-Ponty, cujo significado pode-se evidenciar para o discurso do campo do ‘espaço geográfico’, gostaríamos de direcionar alguns outros apontamentos críticos, porém, não de forma prolixa. Mas sim, ligeiramente. Contudo, apontamentos críticos fundamentais para refletirmos acerca do entendimento sobre o ‘espaço geográfico’. Tais apontamentos que aparecerão a seguir.

Antes de passarmos para a próxima seção há de acrescentar que a noção de espaço em Merleau-Ponty não se esgota aqui, suas contribuições são amplas e requerem cuidados em seus pormenores (assim como Heidegger).

O ESPAÇO GEOGRÁFICO: UMA CRÍTICA CRÍTICA

Após discorrermos brevemente sobre o significado de Espaço e suas atribuições no discurso geográfico, nos encaminhamos para o espaço geográfico. Como um todo, conceito confuso e mal interpretado na geografia, assim acreditamos. Aqui, todavia, estaremos distante de sua superação conceitual; somente um curto delineamento é o que iremos propor. Algo tímido, uma vez que pretendemos realizar uma discussão bem mais elaborada, adiante.

O espaço geográfico é simplesmente um fragmento de espaço. Um recorte espacial. O *espaço* em si pode-se imaginar como *o todo*; a totalidade real concreta. Já o *espaço geográfico* pode-se inferir como *a parte*, ou, uma das partes que compõe o todo. Noutros termos, *o espaço geográfico* pode-se dizer ser *um lugar no espaço*. O espaço sendo o todo, o lugar (espaço geográfico) sendo a parte. Com isso, a paisagem, o meio, a área, a região, o território e o lugar (e outros mais) são ou formam o espaço geográfico. Mesmo nessa perspectiva, o espaço geográfico como produto social, como insistem Milton Santos e Hidelbert Isnard, talvez não seja tão apropriado como conceito científico. Temos dúvidas quanto a essa aplicabilidade do espaço geográfico como espaço de consumo. – Mas advertimos que estes autores discutem suas investigações pelo viés marxista. Por isso, então, não conseguem abstrair. O materialismo os devora. Lamentamos. Se não superarmos essa Geografia caduca com sua materialidade, cairemos num abismo da ciência que mal saio da fonte, não chegou encher seu leito de forma coerente.

Retomando um pouco aquilo exposto linhas passadas: mesmo a arquitetura como “a arte de organizar o espaço” (LEMOS, 1986, p. 35), por mais que queira ainda sim não consegue organizar o espaço, mas simplesmente organizar as coisas *no* espaço. O espaço é sem dimensão *à priori* e ilimitado para ser organizado como quer o homem. Algo muito ambicioso, entre muitas outras coisas na vertigem da existência.

Não se organiza o espaço, mas as coisas no espaço. O espaço já é e está em si organizado por essência, muito embora pareça em algum momento que o espaço esteja desorganizado. Mas o que se organiza são as coisas no espaço e não o espaço (SOUZA, nota 123, 2012, p. 119).

O espaço geográfico não é apenas o espaço das técnicas-informacionais, das indústrias, das multinacionais, das fábricas e etc. Este vai, além. Não se resume por hora ao capital e as finanças, as economias ambiciosas com suas políticas demasiadas em que confronta as disparidades sociais, estas as quais estamos habituados a assistir mediocrementemente seus feitos sem limites para com os cidadãos. O espaço em referência atinge outra dimensão do *ente* existencial que se engloba verdadeiramente com a fenomenologia *arquetípica*¹⁸ de grupos humanos em diversas partes do planeta. Esta outra dimensão¹⁹ é o que estamos considerando como aquilo que está sendo ignorada pela ciência geográfica do século XXI. Quer dizer, para entendermos o espaço geográfico precisamos entender o Espaço como existência. E isso não está sendo considerado.

Por sua vez categórica, entretanto de pensamento outro quando se quer negar a própria realidade, a ideia de espaço geográfico está atrelada a ideologias medíocres, o mesmo ocorre com o conceito de território. A Geografia tornou-se uma Ciência de desenvolvimento estritamente reduzido quando se intenta para isso. – O espaço geográfico não é apenas aquele a ser explorado com o trabalho humano, mas tem haver com o seu íntimo, com a noção de identidade e de pertencimento do homem com o seu lugar de vivência, com suas ações *ontogenéticas e filogenéticas*.

Para tanto, a psicologia quando trata da relação cultura e civilização (no caso específico de Freud) o faz de maneira cuidadosa, intentando para não cometer ambiguidades.

¹⁸ No sentido da Psicologia Analítica: arquétipos coletivos.

¹⁹ Essa outra dimensão é o espaço vivido em essência, o espaço de vida cotidiana onde ocorrem as relações entre os povos, seus sentimentos, seus orgulhos, suas afetividades, suas intimidades no espaço de existência.

A Geografia precisa realizar o mesmo quando da questão espacial para evitar o máximo possível desviar-se de seu foco da abordagem do real. – As heranças, bem como as descendências (gerações: cultura) são o bem maior de um povo, por conseguinte, verifica-se agressão e violência no espaço geográfico sempre quando surge a ideia de domínio por certo grupo humano, afetando-o sem respeitá-lo. Temos consciência que este espaço deva ser explorado sim para o bel-prazer das pessoas, mas essas possibilidades são efetivadas de maneiras outras (estranhas) que não aquelas em favor dos desfavorecidos socialmente. Estes vivem como vítimas dos sistemas hegemônicos. Não obstante, é gritante tal realidade. Com efeito, é exatamente o contrário o que devemos promover. Em outras palavras, há a necessidade de se pensar o homem como ser existencial em potência, porém, não como objeto de uso abusivo em benefício de sistemas monopolizadores que só visam, grosso modo, o *lucro*. Isto é, tanto o espaço geográfico quanto o homem são vistos como mercadorias e especificamente este último é tido como sujeito de consumo. É neste ponto que cabe exigirmos que se fizesse presente na Geografia Crítica uma maneira que possibilite à mesma desvendar as máscaras que encobrem a face de nossa sociedade prisioneira de sistemas burocráticos intermitentes. Assim sendo, é importante dizermos que a Geografia tem a necessidade de reformular seus conceitos e suas concepções para com o real. A Geografia tem necessidade de reformular seu método de estudo. Eis outro grave problema da crise na Geografia.

O espaço geográfico é tido como objeto de uso e de troca por muitos há muito tempo na história do homem (isto é evidente) em consequência das necessidades de sobrevivências de certos grupos étnicos, por assim dizer, principalmente, os antepassados nômades. Neste contexto, este espaço a partir do triunfo do capitalismo, especificamente, é visto como peça de engrenagem para moldar o plano metafísico da física. Tendo como apoio ou auxílio – o poder em favor do monopólio – as rendas monetárias ambiciosas de pequenos grupos hegemônicos agindo sobre o mundo. Isto se tornou algo absurdo do ponto de vista crítico.

Diante todo o exposto, há o seguinte: este referido espaço não é apenas maquete para confeccionar desordem quando se quer ordenar, mas sim o meio no qual o ser humano e outras espécies vivem o seu ser espaço-temporal irreversivelmente: o *Ser-aí* do *ente*²⁰. Por isso temos evidenciado a fenomenologia merleau-pontyana como parâmetro de análise do ser existencial no espaço-tempo concreto e real. Por isso devemos enxergar o mundo. Muitos

²⁰ No sentido heideggeriano.

olham, avistam e veem, mas não enxergam. Muitos vivem dormentes perante o real enquanto acordados.

CONSIDERAÇÕES

Como geógrafos, temos de considerar a realidade como uma realidade em sua essência, ou seja, o que vivemos em potência. Não apenas aquilo que imaginamos viver. Em outros termos, devemos considerar a realidade não como superficial, mas sim como aquilo em que estamos envolvidos quer sim quer não.

A Geografia precisa ser repensada no século XXI²¹. A Geografia como Ciência necessita urgentemente de novas discussões relacionadas à questão espacial para assim compreendermos melhor o seu objeto de estudo. Eis a razão de estarmos buscando uma nova maneira de traduzimos verdadeiramente a realidade através de uma discussão Geográfico-filosófica. Quer dizer, discutir o real por intermédio da reflexão - no sentido mais profundo do termo -, buscando entender como o homem se relaciona no mundo não apenas exteriormente, mas também interiormente. Isto é, o que o mesmo sente como *ser-aí* existencial no geográfico.

Merleau-Ponty nos diz ser necessário pensar no impensado e ver no visível o invisível. Diremos o seguinte: é necessário tocarmos no intocado para podermos mover o imóvel. Devemos nos comprometer como seres existenciais no espaço e no tempo, com o todo e a parte, o tudo e o nada. Somos.

Schopenhauer nos coloca numa situação estranha quando analisa o mundo. Para este - parafraseando-o - o mundo é uma vontade cega²²; todas as coisas existenciais agem cegamente no mundo. Uma força suprema molda o mundo. E nós nos manifestamos do mesmo modo no mundo, ou seja, agimos cegamente desde quando nascemos; simplesmente mudamos quando passamos a representar o mesmo. Entretanto, essa cegueira pode ser suprimida desde quando buscamos compreender o significado das coisas no espaço e no tempo, sua essência íntima, numa palavra: na existência concreta.

²¹ A Geografia necessita urgentemente ser repensada no século XXI “para dar conta dos dilemas do homem e da sociedade de forma mais densa do que fez até aqui”. Informação fornecida pelo Prof. Dr Julio César Suzuki - USP (informação verbal). Maio de 2012.

²² No mundo como vontade e representação, esta mesma vontade “é apenas um ímpeto cego e irresistível” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 357). Ela opera cegamente.

Deveras, a partir das breves contribuições do filósofo Maurice Merleau-Ponty buscou-se compreender o que vem a ser o espaço como instância máxima em que o nosso corpo está unido em seu envoltório, sem desligar-se do mesmo. Do mesmo modo, procurou-se compreender a complexidade espacial que permeia o pensamento geográfico.

Exigimos uma ressalva: que este pequeno esboço se situou apenas como síntese acerca da discussão crítica sobre a noção de espaço. Assim como propôs ousadamente uma aproximação entre Geografia e Filosofia. Sem, para isso, dizer que se quis fazer deste texto uma Geografia filosófica. Isto não é verdade. Bem entendido, isto está longe do ideal. Apenas direcionamos uma rápida crítica à análise espacial a partir de uma reflexão geográfico-filosófica. Por ora é isso o que compreendemos.

REFERÊNCIAS

ALFREDO, Anselmo. **Negatividade e a Crítica à Crítica Crítica**: sobre tempo espaço e modernização. Departamento de Geografia/FFLCH - USP, 2009.

CASTRO, Iná Elias de. *O problema da escala*. In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa e CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia**: conceitos e temas, 11^o ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 352p.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Geográfico: algumas considerações*. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982. 224p.
DOLLFUS, Olivier. **O Espaço Geográfico**. 4^a Edição. (Tradução de Heloysa Lima Dantas) São Paulo: Difel, 1982. 128p.

DUARTE, Matusalém de Brito e MATIAS, Vandeir Robson da Silva. *Reflexões sobre o espaço geográfico a partir da fenomenologia*. In: **Caminhos de Geografia**, v. 17, n^o 16, pp. 190-196. Uberlândia, 2005.

EAGLETON, Terry. **Marx e a Liberdade**. (Tradução de Marcos B. de Oliveira) São Paulo: Unesp, 1999. 54p.

ESCOLAR, Marcelo. **Crítica do discurso geográfico**. São Paulo: Hucitec, 1996. 176p.

ESTRABÓN. **Geografia**. Libros I-II. (Introducción general de J. García Blanco; traducción y notas de J. L. García Ramón y J. García Blanco) Madrid: Editorial Gredos S. A. 1991. 1^a reimpresión, 2002. 560p. (Biblioteca Clásica Gredos, 159)

ISNARD, Hildebert. **O Espaço Geográfico**. (Tradução, prólogo, léxico e notas por João Victor G. Da Silva Pereira) Coimbra: Livraria Almedina, 1982. 260p. (Coleção Novalmedina: 30)

LEMO, Carlos A. C. **O que é Arquitetura**. 4^a edição. São Paulo: Brasiliense, 1986. 88p. (Coleção Primeiros Passos; 16)

MARTINS, Élvio Rodrigues. *Geografia e Ontologia: o fundamento geográfico do ser*. In: **GEOUSP** – Espaço e Tempo, nº 21, pp. 33-51, São Paulo, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível**. (Tradução José Artur Gianotti e Armando Moura d'Oliveira) São Paulo: Perspectiva, 2007. 278p. (Debates; 40)

_____. **Fenomenologia da Percepção**. (Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura) 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a. 666p. (Coleção Tópicos)

_____. **A Natureza**. (Texto estabelecido por Dominique Ségларd; tradução Álvaro Cabral) 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b. 454p. (Coleção Tópicos)

_____. **Conversas 1948**. (Organização e notas de Stéphanie Ménasé; tradução Fábio Landa, Eva Landa; revisão da tradução Marian Appenzeller) São Paulo: Martins Fontes, 2004. 92p. (Coleção Tópicos)

_____. **Phénoménologie de la Perception**. Paris: Éditions Gallimard, 1945. 531p. (Bibliothèque des Idées; nrf)

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 21ª ed. São Paulo: Annablume, 2007. 152p.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 2ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. 190p.

_____. **Geografia e Práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas**. São Paulo: Contexto, 2012. 222p.

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; CORREIA, Idalécia Soares e OLIVEIRA, Anelito Pereira de. *Geografia Fenomenológica: espaço e percepção*. In: **Caminhos de Geografia**, v. 11, nº 35, pp. 173-178. Uberlândia, 2010.

RELPH, Edward C. *As Bases Fenomenológicas da Geografia*. In: **Geografia**, v. 4, nº 7, pp. 1-25. Rio Claro, 1979.

RECLUS, Elisée. **L'homme et la terre**. t. I. 6. v. Paris: Librairie Universelle, 1905. 570p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2009. 388p. (Coleção Milton Santos; 1)

_____. **Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. (1ª ed. 1978). 6ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008. 288p. (Coleção Milton Santos; 2)

SCHOPENHAUER, Artur. **Parerga y Paralipomena: escritos filosóficos sobre diversos temas**. (Prólogo, traducción y notas de José Rafael Hernández Arias, Luiz Fernando Moreno Claros e Agustín Izquierdo) Madrid: Valdemar, 2009. 1120p. (Letras Clásicas; 11)

_____. **O Mundo como Vontade e Representação**. (Tradução, apresentação, notas e índices Jair Barboza) São Paulo: Unesp, 2005. 696p.

SILVA, Armando Corrêa da. *Fenomenologia e Geografia*. In: **Orientação**. Instituto de Geografia – Departamento de Geografia - USP, nº 7, pp. 53-56. São Paulo, 1986.

_____. **De quem é o pedaço?** Espaço e Cultura. São Paulo: Hucitec, 1986. 168p. (Coleção Geografia: teoria e realidade)

_____. *Contribuição à crítica da crise da Geografia*. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982. 224p.

_____. **Espaço Fora do Lugar**. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1988. 128p. (Coleção Geografia: teoria e realidade)

SOUZA, Marquessuel Dantas de. *A Geografia e o Estudo do Espaço e do Tempo: a contribuição de outras ciências (uma nota crítica)*. In: **Revista Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 11, n. 2, pp. 102-112, jul/dez. 2015a.

_____. *O Espaço Fora do Lugar: uma suposta filosofia do espaço e do lugar*. In: **Revista do Departamento de Geografia – USP**, Volume 29, pp. 305-319, 2015b.

_____. **Geografia e Percepção**: uma interpretação introdutória a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2012. 134p.

SPOSITO, Eliseu Savério. *Armando Corrêa da Silva*. In: **Formação**. Faculdades de Ciências e Tecnologias - UNESP, nº 15, v. 2, pp. 158-160. Especial 20 anos. Presidente Prudente, 2008.